

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Uma breve história do tempo

VALDEMAR COTOSCK

Belo Horizonte, 01 de Junho de 2015

Valdemar Cotosck

Uma Breve história do tempo

Relatório final, apresentado a Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para obtenção do título em Artes plásticas, habilitação em pintura.

Belo Horizonte, 01 de Junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Presidente

Prof. Mário Zavagli

Orientadora

Prof. Cristiana Quady

Membro

Prof.....

Agradecimentos

À todos aqueles que desejam simplesmente ser e estar, apesar de todo ser e estar da vida.

A algumas pessoas que conheci na minha vida, e que, em algum momento procuraram mostrar que todos nós devemos encontrar o nosso caminho. Pessoas, que em algum momento convivi, e outros que simplesmente passaram pela minha vida e deixaram as suas mensagens.

Cresci e tornei-me homem, muito provavelmente as lições que recebi na minha infância, da minha família foram muito importantes para a formação do meu caráter.

A Deus, com sua infinita bondade, por ter me permitido ainda hoje, quase septuagenário que sou, acreditar na vida, e realizar desejos de criança.

Bem, pelo início da jornada, a todos os professores da Escola Guignard, e em especial aos professores da Universidade Federal de Minas Gerais.

Cristina Quady

Mário Zavagli

Simplesmente só os nomes bastam.

DEDICATÓRIA

Após tantos obstáculos, momentos, tempo sem tempo, (da minha parte) hoje eu simplesmente gostaria de falar das flores.

Sou aquilo que deveria ser, transfiguro o meu ser e perco-me no meu espaço. Novamente a luz imunda tudo, e eu embriagado de desejos, deixo-me levar. Vejo as flores do meu tempo e sinto a brisa das manhãs da minha infância.

Como eu gostaria de ter o dom da vida, o dom da luz e pudesse controlar a história do meu tempo. Vejo amores, felicidades e o nada, expressos na mesma emoção. Os orvalhos que caem nas manhãs ainda me emocionam. Sinto o sabor do frio, o agitar dos pássaros, e as flores que desabrocham a cada estação. Aqui, orvalhos que caem, ali, o zumbir cintilante de um pequeno inseto. Do frenesi dos átomos, ao turbilhão dos astros, nestes espaços infinitos, as vezes penso em luz, em ser e poder servir, e isto me impulsiona para frente.

Hoje, especialmente hoje eu gostaria de expressar tanta coisa, mais não consigo, talvez amanhã quem sabe.....

.... E se não houver amanhã na escala do não tempo?

.... Bem, aproveitando o hoje, também na escala do não tempo, o que eu gostaria mesmo é de expressar a mais profunda gratidão àquela que em 48 (quarenta e oito) de convívio tem me possibilitado as maiores realizações humanas, e que foi a provocadora deste meu ser-estar

Ana Maria Ribeiro Cotosck

Irmã, mãe, esposa, e destino final.

Porque também não falar das flores.

Resumo

O tempo, e as grandes questões do tempo

Este trabalho pretende mostrar o que é o tempo, e as possibilidades de reproduzi-lo a partir do “meu horizonte de eventos”

Abstract

The time, and great issues about it

This study intend to show what is the time and the possibilities to reproduce it based on my happenings horizon

Sumário

Introdução. Uma breve história do tempo.....	7
Solilóquio do tempo.....	9
Tempo sublime.....	10
Tempo vivência.....	13
Tempo perdido.....	18
Tempo complexo.....	22
Tempo que se foi.....	24
Tempo constante.....	25

UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO

Uma viagem pela passagem do tempo. Estrutura e rompimento, fluir e transcender. Saltar da pluralidade das ideias ao senso comum. Do romper e incluir fronteiras.

Todos estes argumentos são sobressaltos que me fazem mergulhar profundamente na questão do tempo. Efêmero, transcendente e instigante, que me remete para dentro de um universo que é a própria história humana, não só de 5 (cinco) 10 (dez) ou mais séculos, mas desafia a própria história do tempo.

Ideias, conceitos estratificados ou desfigurados, pensamentos vagos se sucedem com plenitude, mostrando a todo instante o desfigurar do homem perante uma natureza que, caprichosamente somente aí está, por reflexo do próprio homem, ou pelo simples estar. Mas algo se faz presente, não relacional, outras estruturas, esta a nos mostrar possibilidades não adimensionais. Como parecemos ser reflexos de nós mesmos e abundamos de luz, talvez sim, esta a nos mostrar as Ene dimensões que se transpassam. Nós como seres perdidos nesta dimensão cósmica não conseguimos alcançar esta luz que dimensiona o mundo. Aí nos apequenemos e mergulhamos dentro de nosso próprio corpo, e o nosso eu se perde dentro das outras dimensões. Com isto nos apequenemos mais ainda e assim sofremos por vivermos dentro de outra realidade e sermos guiados por esta realidade.

Da simples ideia de um pensamento estruturante, linear, com uma trajetória fixa seguimos uma linha no tempo e anulamos completamente a possibilidade de um livre fluir.

Ao percebermos esta realidade voltada para a inclusão de forma hegemônica, cria-se a ideia do "E" e do "OU", provocando assim uma ruptura do todo imerso no corpo coletivo.

Hoje somos mais complexos do que fomos, pois cada indivíduo que nasce acresce algo da sua individualidade ao conjunto, e como hoje somos bilhões de indivíduos, tudo se torna mais complexo e pragmático, resultando desta multiplexidade a maior de nossas heranças, porque ela traz no seu bojo o instigante e mantém o perpleso como fonte motivadora, advindo talvez daí a permanente e feliz fonte da própria vida, mesmo que o formador do corpo hegemônico lute para sufocar este corpo que nasce.

Ao longo dos tempos surgem movimentos que se baseiam em ideias consideradas revolucionárias e unificadoras no entorno de seus princípios, que ao invés de promoverem a liberdade mais amordaçam e asfixiam.

Toda esta busca nos vem permeando do século XIX até os dias atuais, destruindo e arrastando consigo todo um passado, em que o fluir do tempo se processava de forma suave, sem tempo.

Refletindo sobre isso, eu não quero o contínuo prático da vida. Prefiro dialogar com o singelo, o lúdico. Eu não acredito em um mundo imposto por um século de transitoriedade a nos fazer pensar a todo instante no aqui-agora. Prefiro, mesmo que de forma ilusória no mundo do eterno ser, do não-tempo.

As imagens do singelo, do lúdico, de vidas em comunhão, de família e de lugares, para mim são as que melhor representam o eu-ser.

Com este trabalho não pretendo ficar preso no campo da arte, pois a todo instante tenho me perguntado o que é arte? Um quadro branco pintado? Ou uma foto de algum lugar ou de alguém?

Esta pesquisa não deve ficar presa a meros conceitos de um fazer que vem atravessado os séculos. Ela tem que expandir limites e englobar fronteiras, usar de outros meios e outras ferramentas que estão ao nosso alcance. Conforme cita o professor Jean Lancri (6), a pesquisa no campo da arte é um barco que navega os mares de outras áreas do conhecimento. Ainda segundo este mesmo professor, este barco propõe navegar, para contrariedade de alguns, pelos mares da filosofia, da história, da psicologia e da física. Ganha velocidade com seus ventos e suas correntes, agita e mistura as águas desses mares, porém não se detém nos seus limites.

Tempo, esta dimensão tão mal compreendida, foi criado justamente para que nós, seres humanos, pudéssemos enfrentar os desafios impostos pela presença da finitude da vida. Agora, com a noção de tempo sendo criada, conseguimos assim também criar a imortalidade através da eternidade, ou seja, do tempo infinito.

E ao criar o tempo, o homem também criou a linguagem e os símbolos como meios de expressão. E conforme Wilber(3), na obra, Édem, queda ou ascensão? Citando Piaget, e Ariet, a linguagem é o grande veículo do tempo e da representação temporal. Com a linguagem, uma sequência ou série de eventos podem ser representados simbolicamente e projetados além do

presente imediato. E, ainda citando também Robert Hall. A linguagem é o meio de lidar com o mundo não-presente.

Portanto, imagens serão os elementos através das quais procurarei mostrar este tempo criado, que hoje parece estar um pouco perdido em meio a velocidade das coisas, o que faz parecer, a todo instante que existe tempo, mas que ele é fugaz e se evapora no ar.

Tudo se aprende, e estamos constantemente criando a realidade a partir de ideias que nos chegam de todos os lados. Esta realidade que criamos, passa ao nosso consciente a partir das nossas percepções do mundo. Segundo os trabalhos de Parsons(4), Leslie White (5) Worf(6), entre outros, também citado por Wilber, todo aquele que entra em contato com uma criança é um professor que incessantemente descreve o mundo para ela, até o momento em que a criança for capaz de perceber o mundo como descrito.[...] Não temos nenhuma memória desse momento prodigioso, simplesmente porque nenhum de nós possivelmente teria qualquer ponto de referência para compará-lo com qualquer outra coisa [...] A realidade, ou o mundo que todos conhecemos, é apenas uma descrição[...], um fluxo ininterrupto de interpretações perceptivas que nós, os indivíduos que compartilhamos uma associação específica, aprendemos a construir em comum.

⁶ Lancr,J.Citação de memória de palestra proferida no mestrado de artes visuais do instituto de artes visuais da Universidade Federal do R.G.S no 2º semestre de 1997

SOLILÓQUIO DO TEMPO

Como vetor síntese da vida, parece ser este o ponto crucial da humanidade, pois o tempo como movimento contínuo parece ser o que interessa como existencialidade do indivíduo que está sempre indagando. E como elemento crucial desta indagação, o corpo é o que melhor sintetiza este constante fluir, sem fluir. Assim como acontece na Yoga em que o corpo está presente mas não está presente, e, ao mesmo tempo é quando, mais está presente. É a eterna busca do ser a motivar esta constante indagação.

Portanto, um mergulho no corpo e suas expressões para revelar e imortalizar o verdadeiro ser e o grande sentido da vida. Para que isto surja, temos de mergulhar fundo na sua essência, e este nos revele a verdadeira existencialidade. E assim, quando este momento mágico surgir na sua plenitude, o grande sentido da vida nos seja revelado. Em um momento antes, vindo não se sabe de onde, em que ainda há conexão com a parte cerebral/física, há um salto no tempo do lugar nenhum. Ainda assim é o cérebro a sede da existência a nos revelar um ser inacabado e confuso. Portanto, algo também deve transpor a isto, e nos revelar como um todo, vindo do tempo do lugar nenhum. Ou então seremos revelados vindos da existência infinita, desconectados de qualquer ideia de corpo, e ao mesmo tempo conectados nesta grande teia da vida.

Onde estamos e como voltaremos? Somos outra dimensão, ou estes desdobramentos serão. *Ad Infinito*, Tempo sem tempo. Serão estes desdobramentos sucessões atemporais nos levando cada vez mais fundo nessa descoberta do verdadeiro significado do todo, desprovido da dialética como ferramenta de procura?. Talvez aí sim, haja o mergulhar no silêncio de si mesmo, sem o si e o mesmo, total, cósmico.

Parece que todo fazer artístico nasce da intuição e para que este saia do campo do imaginário para o campo do real, no aqui e agora, temos de simplesmente fluir na onda do tempo. O fazer baseado em um tempo ucrônico

e num espaço utópico, desassociado da onda que flui do lugar nenhum para um espaço temporal. Neste instante há uma ruptura do tempo.

Tudo é mutante, se esvai e se recombina, dando novos elementos. Atomicamente surge o "quanta" de energia e tudo resulta na insustentável leveza da luz. Aí, sim, podemos ver a leveza da vida, como as coisas se desfiguram e se fundem numa eterna dança de Shiva perpassando a existência num momento do eterno agora.

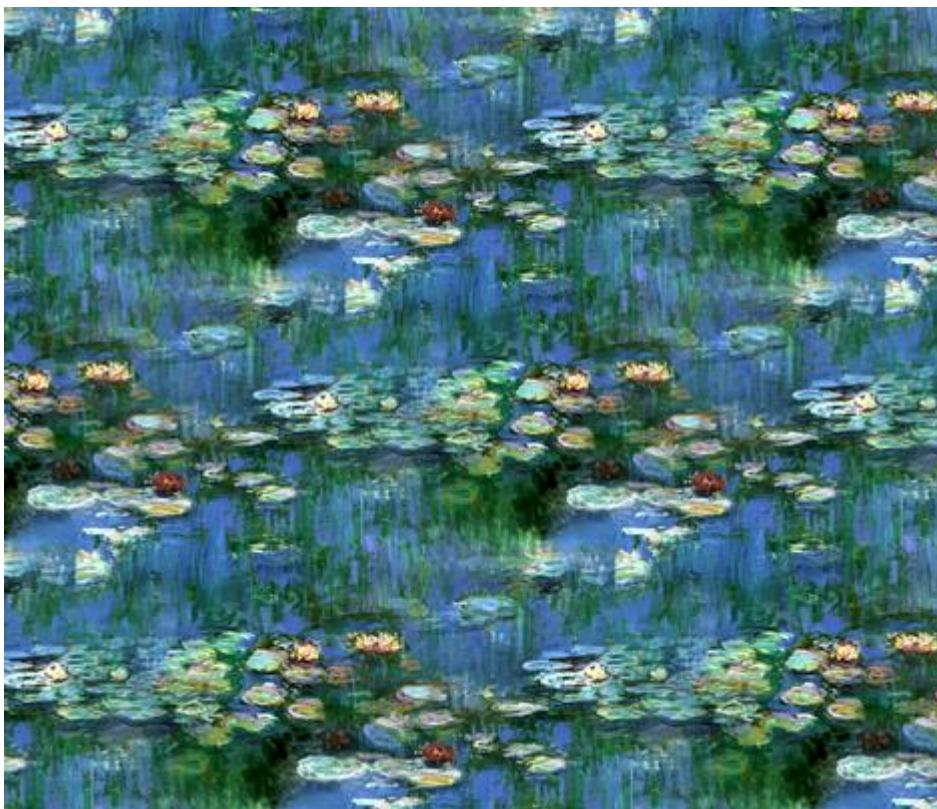
Preciso ser feliz, não por desconhecer fatos, ignorá-los, mas sim por transcende-los, por sublimação da consciência. Quero me deixar dominar pelos encantos da natureza, sem dela ter consciência, ser ela, e então supremamente produzir algo a partir daí. Isto, creio que já me é impossível pelas várias contaminações e correções das quais tenho passado.

O édem encantado está adormecido sobre camadas e mais camadas, sendo apresentado hoje como um fugaz encantamento, e este estado já não mais pode ser recriado, porque sempre surgirá a mão do seu criador com todas as suas impressões. Então quero, através das evoluções primárias, encontrar a sublimação da transcendência do meu ser, mesmo que de forma intencional, e que, a partir daí eu possa criar ou recriar, o sublime e puro momento que fez parte da nossa evolução.

Tempo sublime

De besta solitária e animalesca para o ser gregário e compartilhativo formando laços e criando o comunitário, estamos nós nesta busca incessante do eterno momento, simples momento.

De um simples pintar bisão nas paredes das cavernas até o fim do século XIX, tudo caminhava quase que de forma linear, sendo que o trabalho daqueles que se dedicavam às artes, o foco sempre foi o homem, retratado em toda sua plenitude ou angústia. A linearidade ocorria de forma lenta, e quase sempre uma "onda" não desfazia a outra. E creio que o último momento mágico da pintura se deu com o movimento impressionista e pós impressionista, na sua constante procura da luz.



Eduard Monet

Aí sim lá estava tudo retratado nas sutis pinceladas, todo o frescor da vida e a pura existência das coisas. Luz, reflexo de luz.

Em Monet podemos observar esta constante procura nos sutis reflexos que esta proporciona. Todo este esplendor do impressionismo dominou a pintura até o começo do século XX. A partir da quebra das estruturas provocado por Duchamp, partiu-se o homem numa sucessão sem fim a buscar outros meios. Música mental, cinema psico, teatro tridimensional/mental, viagem espectral, dissolução do ser, o não ser. Não há limite para a criação artística. tudo é muito saudável, e eu não pretendo neste espaço radicalizar ou propor novas rupturas.

Do vaso de banheiro de Duchamp ao Brilho Box de Andy Warhol, tudo se tornou possível. Do corpo em permanente movimento, ao corpo estático, todos querem dizer alguma coisa. Somos capazes de tudo e ao mesmo tempo de nada. Este esfacelamento e desmoronar de nós mesmos e também de nossa consciência, faz com que fiquemos perplexos diante do fugaz, tal qual a matéria, que em seu perpétuo rodopiar e em seu mais íntimo momento não se revela, só aparecendo, pelo menos em teorias e modelos matemáticos, a sua transitoriedade e o seu eterno movimento. E quando este movimento cessa, também cessa toda a matéria e nenhum resíduo fica. Onde está a existência das coisas? Ou só existe na consciência e na metáfora do vir a ser?

Duchamp



Isto é um vaso

Em outras espécies isto parece não fazer parte das suas expectativas de vida, somente nós sofremos desta dúvida, talvez devido ao nosso potencial criativo. Mas permanecemos estáticos, sem uma noção clara do que fazer e para onde ir.

Andy Warshou



Brilho Box

Projetos, tentativas, busca louca e desenfreada por um fazer contínuo pela procura do novo. Esta angústia que nós criamos com o tempo fugaz, que a tudo transcende e que se perde no vazio de si mesmo, na constante busca do homem com o próprio homem, na busca frenética de um devir que nunca vem. Todas estas angústias me levam a profundas indagações sobre a questão do tempo e da existência humana. Por isto tento procurar transpor o presente, passado e futuro de forma atemporal e assim sair do efémero como modelo permanente de estado. Tento transpor a barreira do só extase. Quero ser e estar e, não como projeto de vir a ser. Tempo vivência, amor latente, contemplação. Um sopro de vida. Simples assim, um sopro de vida ou um suspiro de morte. E este esfacelar de nós mesmos me provoca fascínio de algo a ser explorado, e é justamente neste sobressalto de um tempo sem tempo que procuro me orientar. Observando como somos hoje, e sabendo que somos seres gregários e sociais, me deparo com a ausência total do ser-família, simples, singelo, integrado ao viver coletivo e imortalizado no tempo. E é justamente esta noção do não tempo que procuro retratar em imagens com sutis pinzeladas, um tempo estático, a nos mostrar um caminho perdido na fugaz busca do eterno ser temporal.

Estas imagens me mostram, sem querer mostrar, um tempo perdido e longínquo. Não tenho outra forma de lidar com este tempo que não existe sem retratar lembranças, e imagens saudosas. Ao deparar com estas imagens, que de uma forma ou outra ficaram aprisionadas num lapso fugaz da eternidade, vejo a verdadeira existência de toda permanência da vida. Ou será a vida sem permanência, e seremos somente este momento presente e nada mais? Ou como momento presente e aprisionado no aqui e agora, sem medo e nem reflexo. Portanto buscarei produzir imagens que falarão por si, reais, sentidas e vividas.

Não quero retratar alegorias, idealizações pictóricas ou figuras criadas por concepção. Desejo retratar o simples, o coloquial. Quero retratar o meu tempo ou um tempo que teima em fugir de mim. Serão imagens que irão procurar refletir um tempo que existiu e se perdeu nesta dança louca que o próprio tempo faz pela sua não existência, ou por puros conceitos temporais. Pode ser também que estas imagens venham mostrar um tempo que está só no meu imaginário, e que de forma ardorosa desejo trazê-los à existência. Simples assim. E estará sendo criado mais um universo, dentro dos incontáveis universos na escala do não-tempo.

Tempo vivência

Tentativas já foram feitas de retratar o tempo presente, e dentro de todas as tendências a que mais se aproximou do tempo-vivência foi através dos pintores realistas que surgiram no século XIX, liderados por Gustave Courbet, J.F Millet, quando os elementos do cotidiano começaram a fazer parte das suas pinturas, rompendo desta forma com toda uma tradição passada, toda ela pontuada e dominada por cenas e figuras imaginárias e idealizadas. As cenas produzidas neste período do realismo, mostravam o homem e a natureza em seus estados mais puros. O homem era sempre retratado na sua luta diária, e em sua eterna luta pela sobrevivência.

Destaques da Arte francesa, deste período. Theodore Rousseau, Constant Royon, Camille Carot e Jean François Millet que procuravam retratar a vida cotidiana nos seus mais variados aspectos.

Este movimento também influenciou artistas na Alemanha e na Rússia,

Jean-F.Millet



Ângelus

Observando as suas pinturas podemos perceber ainda alguns traços idealizados, e um forte apelo socialista, e com isto uma grande conotação política ao mostrar cenas em que as pessoas apareciam em condições ordinárias.

Ao contrário, não desejo contrapor a sociedade que aí está e nem desejo deflagrar aqui nenhum movimento. Desejo isto sim resgatar um tempo e torná-lo presente. Portanto as minhas imagens deverão falar por si e se possível provocar sublimação.

Aqui o termo realismo não necessariamente se aplica a técnica em si mas simplesmente ao tema.

Jean F. Millet



As respigadeiras

Também não se aplica ao fazer plástico, com trabalhos que procuram retratar o tema ou as pessoas de forma realista nos seus mínimos detalhes, pois o excesso de realismo no aspecto formal revelam mais técnica do que arte, pois aprisiona a criatividade não permitindo um fluir mais livre. Quero cenas que retratem um fluir livre e ao mesmo tempo consigam aprisionar um tempo na grande escala do tempo nenhum.

Constant Royon



Gustave Coubert



Os cortadores de pedra

Jean Batiste Camille



Saudades?. Medo do presente?. Ou temeroso do futuro?, Não sei, mas é isto que pretendo trazer à existência.

Cenas com algumas tentativas feitas neste sentido pelos pintores realistas aparecem em Ângelus de Millet ou em algumas obras de Constant Royon. Ali podemos ver a atmosfera reinante e sentimos a presença de um tempo que se foi, como se algo pudesse ir, de/para. Também este mesmo tempo aparece nas pinturas de Jean F. Millet

Jean F. Millet



Este algo aprisionado, que pode ser também reflexo da nossa consciência e se manifesta em nossos desejos.

Assim, com ele pretendo construir imagens que perpassam um momento e o torna presente.

Quero buscar evocação do tempo aparente e fugidio da transcendência da evolução humana.

Tempo perdido

Também podemos observar nas paisagens retratadas do grande aguarelista Inglês do século XVIII Thomas Girtin, ao mostrar cenas de um tempo inacabado ou acabado. Essas cenas me levam a profundas indagações sobre a questão do tempo, e ao mesmo tempo me levam a uma tranquilizadora calma reflexiva.

Thomas Girtin



Estas sensações emanadas da natureza, a umidade do campo, os efeitos da mais leve brisa, os suspiros de vida e a calma familiar serão temas que procurarei retratar em meus trabalhos, pois sinto que há um diálogo destas cenas com a grande questão do tempo.

Este posicionamento não pretende trazer algo novo no cotidiano de tantas coisas novas, nesta sucessão de imagens e não imagens, tempo e não tempo onde é como se tudo fosse uma vertigem e desdobramento de algo que não sabemos o que é. Novos meios, novos seres, novas mentes. Tudo parece requerer um novo, pois desta procura pela ruptura como ato inovador sempre surge quase que de imediato, a urgência de fazer da síntese a expressão da verdade. E este simples ato de fazer, logo após surgir, e até mesmo antes de tornar realidade, já traz consigo a mudança como marca. Também assim acontece com as grandes revoluções que carregam em si a ideia central de revolução e da qual não pode escapar, pois se a sufoca, não pode justificar as suas próprias ideias, pois cria-se a mordaça da qual ela tanto lutou. É como toda ideia revolucionária, sempre cria a crença no efêmero como modelo permanente de estado.

Ao contrário, quero trazer um frescor a mais no cotidiano da vida sem impor ou contrapor o que aí está.

Thomas Girtin



Do teórico ao metafísico, do inspirado ao espontâneo. O aqui e agora parece fazer parte deste mundo de transição. *Do cogito ergo sum*, à ideia mais coloquial, mundana, os meios estão aí fervilhando a nos oferecerem possibilidades infinitas para que possamos externar as nossas emoções que durem *Ad eterno*, ou que sejam fugazes e passageiras como a própria ideia que as concebeu. Tudo dilui, fica opaco e transparente ao mesmo tempo. Talvez seja esta a única razão da existência humana, a eterna transição. Algo parece estar claro e translúcido, e ao mesmo tempo, opaco e confuso, num eterno fluir. Mais uma vez, "de-para". Mas não um "de-para" temporal. Simplesmente fluídico, como tudo que nos cerca.

Inventamos a História e temos medo dela, e constantemente estamos contestando toda a História. E deste aparente amaranhado algo fica confuso para mim, pois me pergunto onde me posicionar. Também vou na onda ou inventarei minha própria história tentando o plausível e o implausível.

Será a arte como estímulo de vida, expressão maior, práxis vital ou como disse o psicólogo canadense Steven Pinker, arte é um "doce mental", dispensável, mas saborosa. Ou ainda pensar como Charles Darwin, ao refletir sobre o papel da arte, e concluiu que ela tem um papel importante na evolução da espécie.

Procurando evoluir ou não, preocupado com o fazer nos dias atuais, e depois de pensar a arte, desde que os bisões começaram a ser pintados nas cavernas, sinto o desejo de evoluir e me expressar perante o mundo, mas de forma calma e saborosa, procurando demonstrar que tempo e não-tempo, para mim, não faz a menor importância.

De observar o indivíduo romântico e solitário em seu ateliê, ao puramente intelectual, criando obras de/para, e possuidor de um grande senso do belo sem nenhum discurso, a não ser as suas obras, hoje vejo a vanguarda com suas diversas ramificações. Propondo, modificando e rompendo, mas não negando e nem destruindo de forma intencional, simplesmente transformando e mostrando outras possibilidades, infinitas possibilidades.

Após os séculos passados em que as expressões artísticas seguiam quase que uma linha reta que, evolutivamente, acompanhavam a lentidão do tempo e das coisas, como exposto anteriormente. No alvorecer do século XX Marcel Duchamp, de forma intencional e provocativa, abriu e acelerou o processo de mudanças, culminando com o que estamos vendo hoje, a arte voltada ao pragmatismo de ideias, puras ideias. Arte nascida do intelecto, desassociada da práxis vital.

Será que estamos em meio aos argumentos de Valery, em que a genialidade é reduzida a meros fatores psicológicos, com acesso a meios artísticos, ou como

no poema de Tristão Tzara, em que devemos nos guiar pelo acaso das coisas e das ideias?.

Eu ainda estou a procura do elo perdido para dar vazão às minhas ansiedades, pois se sigo a onda me amordaço, e isto para mim é asfixiante.

Quero ser um romântico solitário nesta procura, e talvez isto me leve, não a um novo, mas àquilo que ficou perdido quando o elo foi quebrado, ou talvez a um novo bem velho que pode estar adormecido, só esperando para emergir. Será que isto também irá fazer parte do New, ou da vanguarda? Bem, não importa, também preciso me expressar.

Não quero me opor a minesis da arte clássica e nem como propuseram outros artistas, entre eles Joseph Beuys, atingir a methesis com concepções concretas de uma ideia ou mesmo espiritualidade.

Tudo são etapas na vida. Nascer, envelhecer, morrer, somos compelidos a avançar sempre na procura de algo que possa imortalizar a nossa efémera passagem. Do ato primitivo ao mais complexo o homem sempre procurou esta imortalidade.

Magia, mistério e religião sempre acompanharam o homem em seu percurso aqui na terra, e todas estas manifestações muito provavelmente fizeram o homem evoluir, ou pelo menos, como um dia falou Picasso. A arte limpa da alma, a poeira da vida. E é justamente neste sentido que pretendo trabalhar, e também propondo uma reflexão sobre o belo, sublime, tempo, família. Um retorno do homem com a natureza que o cerca. Lendo Argan e Janson podemos sentir as mesmas preocupações da relação do homem com a natureza que o cerca. Ao desenhar as cenas de caça no interior das cavernas, mostrava os homens e animais como elementos mais notáveis, pois é da caça que ele necessitava, portanto o único interesse e o elemento quase mágico, o verdadeiro mistério da vida e da morte.

Também preciso representar as minhas ansiedades e verdades, que podem ser talvez só minhas, mas também fazem parte deste grande mistério.

Procuro unir ao tempo fugaz da nossa existência um fazer que transcenda, de forma intencional ou não uma realidade deste mundo que teimosamente estamos construindo, e assim poder, mesmo que estranhamente, abrir uma fenda na realidade contínua do meu espaço.

Com este sentimento, em meio a tantas divagações, procuro pertencer a este mundo alheio. Estas experiências me proporcionam uma ruptura da realidade deste mundo compartilhado, e novamente o tempo se aflora abruptamente. Tempo não como uma ideia ou um número que marca os espaços entre os acontecimentos, mas o tempo que faz parte do próprio espaço e da própria matéria, como se pertencesse a uma outra dimensão.

Como disse Marcelo Gleiser (7). O tempo como uma dimensão. Tal qual o espaço. Assim como podemos mover para as três dimensões, também podemos nos mover para o passado e para o futuro. Devido a nossa miopia não somos capazes de "ver" o espaço-tempo em entidades diferentes.

Tempo complexo

Agora percebo turbilhões de átomos a rodopiar, mas não vejo as suas existências. Simplesmente rodopio. Matéria, espaço-tempo, pura energia. Onde está o tempo? Desta forma, neste breve instante, quando procuramos materializar ou trazer algo à existência viajando em imagens sem formas, como numa espécie de transe, tornamos real aquilo que estava, até a pouco tempo, no campo do imaginário, ou será que trazemos de outro mundo real, para um outro mundo imaginário, do qual pertencemos? Esta parece ser a transição entre o lugar-nenhum para o aqui-agora. Vejo neste interlóquio a transposição da barreira que separa os espaços, e também posso perceber que não existem nem barreira e nem espaços, somente energia, pura energia. Estes hiatos irrestritos entre os pensamentos que se sucedem, ficam entre o físico e o não físico, do qual experimentamos esta materialização.

Observando agora o eu físico e o eu não físico, e que passamos a chamar de matéria, já se encontrava pronta em um mundo não físico, e que também toda essa nossa realidade é mera projeção de nossa mente, e que tudo é formado de uma dança eterna de partículas, com infindáveis espaços vazios.

Ao observarmos a nossa realidade, podemos perceber que estas partículas estão envolvidas em outra dança ainda menor, num campo vazio até o infinito, em que a essência é só energia. Se esta é a nossa realidade, onde está o real? Somos todos, assim como o barro é para o escultor, somente uma massa, ou um eterno vazio.

Mais uma vez, ao querer mostrar o tempo, também me vejo modelando e tentando traduzir a minha existência. Também procuro existir entre estes espaços infinitos, e tornar em formas "reais" o que era só energia. Ao fazer parte também desta grande onda, percebo que estamos todos interligados, pois posso perceber que viemos do mesmo lugar. Existimos hoje, mas os componentes do qual fazemos parte são muito antigos.

Portanto, quero criar esta ilusão que é a própria vida, tentando mostrar momentos, coisas e figuras do fugidio, cenas que se desfasem, lembranças.

Matéria, espaço-tempo.

“Acredito em tudo que estou propondo, um não tempo para eternizar o eterno momento”

Cotosck, junho 2015

“Tudo deve fluir como o próprio fluir da vida”

Cotosck, junho 2015

**“Bem, minha obra, eu estou arriscando a minha vida por ela.
E a metade da minha razão já se foi”**

Vincet Van Gogh
Última carta a seu Irmão Theo em 1890

**“Bem, minha obra, será transcendente como o tempo, e com
ela toda minha razão também irá junto”**

Cotosck Junho 2015

**“Assim como tomamos o trem para alcançar Tarascon ou Rouen,
tomamos a morte para alcançar uma estrela.”**

Vincent Van Gogh, julho 1868

**“Assim como tomamos a morte para alcançar uma estrela, alcançamos
a estrela para atingirmos a eternidade”**

Cotosck, junho 2015.

Tempo que se foi

Abaixo segue uma carta de despedida feita em 1996 quando aposentei após 35 anos de trabalho.

Não escolhi ser um homem comum.
É meu direito ser diferente, ser singular, incomum.
Desenvolvendo os talentos que Deus me deu.
Nunca desejei ser simplesmente uma pessoa pacata e modesta.
Sempre quis correr o risco calculado.
Sonhei e construí. Falhei e sucedi.
Sempre recusei trocar incentivo por doação.
Prefiro as intemperanças à vida garantida.
Não fujo perante os desafios.
Minha herança é ficar ereto, altivo e sem medo.
Pensar e agir por conta própria.
Sempre acreditei que lutando poderia tornar a vida melhor.
E olhando o para o passado verifico que venci.
“Escrevi a história do meu tempo”
Aproveitando os benefícios de minha criatividade posso encarar arrojadamente o mundo e dizer.
“Isto é o que eu sou”

Obrigado a todos que compartilharam comigo deste grande desafio.

Belo Horizonte, 30 de Janeiro de 1996

VALDEMAR COTOSCK

Tempo constante

Portanto a inquietude continua e irá continuar sempre, no aqui-agora, ou em um tempo que teimosamente foge de mim

Belo Horizonte, 01 de Junho de 2015

VALDEMAR COTOSCK

Divagações

“ I have one major rule: Everybody, is right. More specifically, everybody, including me-Has some important pieces of the truth, and all of those,cherished, and included in a more gracious,spacious, and compassionate embrace.

Ken Wilber

“Eu tenho uma regra importante: Todo mundo está certo, mais especialmente, todos, inclusive eu. Tem algumas peças importante de verdade, e todas as peças precisam ser honrada, amada incluídas em um abraço mais agradável, espaçoso e compassivo”.

“ Em arte, não existe, nem verdades, e nem meias verdades, tudo é possível. Quanto mais procuramos o nosso expor, mais e mais temos o sentimento de que não expusemos nada.

Valdemar Cotosck

Referências

Argan G. C. História da arte.2005, Martins Fontes

Gleiser M. Criação imperfeita (Cosmo. Vida e Código Oculto da Natureza)
2010, Record

Jonson H. W. História da arte, 1965 Labor

Wilber K. Édem. Queda ou Ascensão? Uma visão transpessoal da evolução Humana. 1987 Verus

Lancri J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na Universidade. In: Brites, B. Tessler, E. O meio como ponto zero. Porto Alegre: UFRGS, 2002

Lagan J. "The insistence of the tetter in the unconscious", in J. Ehrmann (org.) Struturalism. Nova York Anchor, 1970

Parsons T. E. F. The social System Free Press. 1951

Piaget J. W. F. Piscología Social 1972 Paidos, Educacion and Instrucción 1970 Proteo

Pinker S. Connections and Symbols 1988. Visual Cognition. 1985